

UNCTAD

NOTAS À IMPRENSA

RESTRIÇÃO

O conteúdo deste Relatório não poderá ser divulgado antes de **18 de setembro de 2001, 17 horas do GMT**

(13 horas de Nova York, 19 horas de Genebra, 22h30m de Deli, 2 horas de Tóquio, 19 de setembro)

TAD/INF/PR21
18 de Setembro de 2001

INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO SOBE, MAS DEVERÁ CAIR ESTE ANO; F&A em queda

O fluxo global de investimento direto estrangeiro direto (IDE)¹ cresceu 18% em 2000 atingindo o volume recorde de US\$1,3 trilhão, mas espera-se uma queda neste ano, de acordo com o *Relatório Mundial de Investimento 2001*,² (*World Investment Report 2001*) publicado hoje pela Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD) (*United Nations Conference on Trade and Development*).

O movimento principal por trás do crescimento no ano passado e a queda projetada neste ano deve-se às fusões e aquisições (F&A) transfronteiras, que constituem uma participação substancial de IDE no mundo. Mas, depois do auge do ano passado – as fusões e aquisições (F&A) transfronteiras atingiram US\$1,1 trilhão em 2000, cerca de até 50% do total do ano anterior (*consulte a tabela 2*) – elas agora mostram uma tendência de queda. Isto, por sua vez, deve-se à desaceleração global do crescimento econômico.

A rápida expansão de IDE está ampliando a função da produção internacional na economia do mundo, tornando-a “a força principal na integração econômica internacional”, diz o *WIR2001*. As 63.000 empresas transnacionais (*transnational corporations*) (TNCs)³ do mundo que comandam o IDE, com suas 800.000 afiliadas estrangeiras também modelam cada vez mais os padrões comerciais,

sendo responsáveis por cerca de dois terços de todos os negócios no mundo. Mas tanto o IDE quanto o comércio estão concentrados dentro de regiões e regiões vizinhas e, dentro de cada região, os vínculos comerciais são, de certa forma, mais fortes que os vínculos de IDE.

Como nos anos anteriores, em 2000 os 10 maiores receptores de IDE, bem como as 10 maiores fontes de IDE foram países desenvolvidos, com uma ou duas exceções do mundo em desenvolvimento (China e Hong Kong na China) (*consulte as figuras 1 e 2*).

Com pouco mais de US\$1 trilhão em ingressos e um aumento de 21% no ano passado, os países desenvolvidos permanecem o destino preferido de IDE, respondendo por mais de três quartos do total global. E, embora os fluxos para países em desenvolvimento também tivessem aumentado no ano passado para US\$240 bilhões, a participação desses países nos ingressos globais tem caído por três anos consecutivos para 19%, o índice mais baixo desde 1991. Os países em desenvolvimento, entretanto, aumentaram sua participação nos fluxos externos, de 3% no início dos anos 80 para 9% no ano passado. Os fluxos para os 49 países menos desenvolvidos do mundo (*least developed countries*) (LDCs) também estão em crescimento mas com apenas 0,3% de ingressos mundiais, esses fluxos são marginais.

Entre outros desenvolvimentos regionais no ano passado:

- Tanto no **mundo desenvolvido** quanto globalmente, a Tríade (União Européia, Estados Unidos e Japão) continua a dominar os fluxos de IDE internos (71%) e externos (82%), novamente, principalmente por causa de F&A transfronteiras. O papel dos Estados Unidos como investidor externo número um foi tomado pelo Reino Unido e a França; e, embora os Estados Unidos ainda sejam o principal país receptor no mundo, tanto ingressos quanto saídas caíram no ano passado, em 5% e 2%, respectivamente. A Alemanha ultrapassou o Reino Unido para tornar-se o principal país receptor na Europa e também saltou para o segundo lugar em ingressos globais. O Reino Unido está agora no seu segundo ano como o principal país de origem de recursos no mundo.
- O IDE para a **Europa Central e Oriental**⁴ aumentou 7%, de 1999 para 2000 chegando a \$27 bilhões, concentrados na Federação Russa, Polônia e na República Checa, com a região como um todo mantendo sua participação de 2% no total de ingressos. No total, o IDE foi dominado amplamente por transações relacionadas à privatização, que deverão conduzir os ingressos regionais, pelo menos até 2002. Em seguida, embora o padrão varie consideravelmente de país para país, os ingressos poderão ser cada vez mais conduzidos por investimentos *greenfield* e F&A particulares transfronteiras. O volume de investimentos continua a vir da Europa Ocidental, particularmente dos países membros da União Européia. Quanto ao IDE externo, este cresceu ainda mais rápido que o IDE interno

no ano passado, alcançando US\$4 bilhões. Transporte, petróleo e gás natural e farmacêutica foram os setores líderes de fluxos externos.

- O IDE de e para a **Ásia em desenvolvimento**⁵ atingiu níveis recordes no ano passado, concentrado principalmente em Hong Kong, China, que alcançou a China continental como a única maior economia doméstica e anfitriã na Ásia. Os US\$143 bilhões em ingressos para a Ásia marcou um aumento global de 44% em relação a 1999; as saídas totalizaram US\$85 bilhões, aumento de 140% na mesma comparação. Mas os fluxos para o Sudeste da Ásia (ASEAN-10) e Sul da Ásia caíram. Os ingressos para as três economias do Nordeste da Ásia (Hong Kong, República da Coreia e a Província Chinesa de Taiwan) alcançaram US\$80 bilhões; para a China, US\$41 bilhões; e para os nove países LDCs da região, US\$461 milhões. Muitas das atividades para e fora de Hong Kong foram responsáveis pelos investimentos “estacionados” de TNCs em Hong Kong em antecipação à entrada esperada da China no WTO e por aumento de “IDE em trânsito” através de Hong Kong.
- **A América Latina e o Caribe** registraram uma queda brusca de 22% em ingressos no ano passado, para \$86 bilhões depois de triplicar durante o segunda metade da década de 90. Este declínio reflete uma correção de 1999, quando os ingressos foram afetados por algumas grandes aquisições transfronteiras. Os principais receptores foram Brasil (US\$34 bilhões) e México (US\$13 bilhões), enquanto o Chile foi o maior investidor externo da região. Serviços e recursos naturais predominaram na América do Sul; manufatura e serviços financeiros lideraram no México. As F&A continuaram sendo importantes em 2000, direcionadas principalmente ao setor de serviços. Os ingressos de IDE na Argentina e Chile foram baixos, em parte porque as três principais F&A geraram um aumento no ano anterior. A instabilidade política e econômica causaram declínio em países andinos como Colômbia e Peru; os ingressos para a Venezuela, em contraste, subiram.
- Um declínio de **13%** nos ingressos na **África**, para US\$9,1 bilhões, levou a participação do continente em fluxos globais à queda para menos de 1% no ano passado, grande parte por causa do resultado de desaceleração na África do Sul, Angola e Marrocos. Entre grupos de países, a África ao sul do Saara, incluindo os 14 membros da Comunidade de Desenvolvimento do Sul da África (*Southern African Development Community*) (SADC) e os 34 LDCs da África também sofreram declínios; somente o Norte da África permaneceu inalterado. A África do Sul é o país de origem de recursos número um do continente para IDE, representando 40% das saídas de US\$1,3 bilhão do ano passado. Os principais países receptores foram Angola, Egito, Nigéria, África do Sul e Tunísia, nessa ordem.

Principais TNCs

A Tríade, onde 91 das 100 TNCs principais não financeiras do mundo estão sediados, continuou seu domínio da lista, conforme classificação pelos patrimônios estrangeiros em 1999, mas *três empresas de países em desenvolvimento estão na lista pela primeira vez (consulte TAD/INF/PR29)*. A lista é liderada pela General Electric (EUA) pelo quarto ano de operação, com a ExxonMobil Corporation (EUA) saltando do quinto para o segundo lugar. O Grupo Royal Dutch/Shell (Holanda/Reino Unido) permanece em terceiro lugar, enquanto a General Motors (EUA) passou do segundo para o quarto lugar. A TotalFina SA (França) juntou-se às 10 mais, saltando do 32º em 1998 para o 8º lugar em 1999. Ford Motor Company (EUA), Toyota Motor Corporation (Japão), DaimlerChrysler AG (Alemanha), IBM (EUA) e BP (Reino Unido) permaneceram entre as 10 mais, embora suas classificações tenham sido invertidas.

Os patrimônios estrangeiros das 100 mais aumentaram 10% de 1999 para 2000, chegando a US\$2,1 trilhões; os três maiores aumentos em patrimônios estrangeiros foram todos reportados de empresas petrolíferas. As TNCs dos Estados Unidos elevaram sua participação do total geral de patrimônios estrangeiros entre as 100 mais em 6%. A participação de TCNs dos Estados Unidos permaneceu razoavelmente normal desde 1990, mas os principais países da União Européia – Alemanha, França e Espanha – aumentaram consideravelmente sua participação relativa dentro desse grupo regional. A participação do Japão nos patrimônios estrangeiros das 100 mais subiu 28% durante a década passada, comprovando a diretriz de expansão externa sustentada das empresas japonesas.

O total de vendas estrangeiras subiu 3%, para US\$2,1 trilhões, com a participação de TNCs dos Estados Unidos entre as 100 mais em declínio e a participação da União Européia em crescimento, especialmente devido à atuação das empresas alemãs.

Pela primeira vez, o total de nível de emprego estrangeiro caiu em torno de 8%, ao passo que o nível global de emprego aumentou em 4%, marcando uma reversão na tendência anterior de declínio no emprego global e aumento do emprego estrangeiro. No entanto, um número de TNCs, liderado pela McDonalds, General Motors e Siemens, acrescentou consideravelmente o nível de emprego estrangeiro.

A lista das 100 mais foi dominada pelos mesmos quatro setores dos anos anteriores: eletrônica e equipamentos elétricos, veículos motorizados, exploração e distribuição de petróleo e alimentos e bebidas (com os três primeiros respondendo por mais de 50 das 100).

A lista das 50 maiores TNCs de economias em desenvolvimento em 1999 reforça o crescimento das atividades transfronteiras dessas empresas, conforme refletido

no expressivo aumento em seus patrimônios estrangeiros e vendas depois de um recuo em 1998, em 18% e 12% respectivamente. O nível total de emprego, entretanto, declinou ainda mais em 27%, enquanto o emprego estrangeiro diminuiu somente em 4%. Como no ano anterior, as empresas maiores vieram da Ásia. A composição industrial da lista das 50 mais permaneceu inalterada, com conglomerados de atividades diversificadas em uma ampla variedade de indústrias respondendo pela participação do leão nos patrimônios estrangeiros combinados, bem como no nível de emprego estrangeiro. No entanto, em termos de internacionalização de atividades, o setor de alimentos e bebidas está no topo, seguido por empresas diversificadas, eletrônica e equipamentos elétricos e construção.

Os esforços de globalização das 25 maiores TNCs da Europa Central e Oriental são um tanto recentes, mas vem crescendo cada vez mais. Um número delas está prestes a se estabelecer como protagonistas promitentes por iniciativa própria com redes de produção internacional. As 25 mais originam de nove dos 19 países da região. Transporte, mineração, petróleo e gás, e indústrias químicas e farmacêuticas são os setores representados com mais frequência entre essas TNCs.

Índice de Internacionalização de TNCs, países receptores

O *WIR2001* rastreia o “Índice de Internacionalização” (TNI) das TNCs. Este Índice, a média da relação de estrangeiros para o total de patrimônio, vendas e nível de emprego, captura a dimensão estrangeira nas atividades globais de uma empresa. O Índice declinou em 1999, mas a expectativa é de nova ascensão. Ele sugere um número de tendências:

- A globalização por indústria varia muito, com a mídia no topo e o comércio no nível mais baixo do Índice. O setor de alimentos e bebidas teve a fatia maior e o setor químico, a menor. Todas as indústrias, exceto as de veículos motorizados tiveram seus índices de globalização específicos do setor aumentados em mais de 50%, mas a tendência da consolidação global, evidente no setor de veículos motorizados torna-o um provável candidato para a maior internacionalização. O aumento no índice de países em desenvolvimento reflete a busca desses países pelo processo de globalização, mesmo nos anos de crise.
- Houve também uma ocorrência gradual de grandes empresas internacionais de utilidades, comércio varejista e telecomunicações. Essas empresas, com seu enorme *portfolio* de patrimônios domésticos contribuíram para um declínio na média de TNI das 100 mais. Dado o ambiente de política cada vez mais liberal em que as empresas operam, espera-se que a globalização aumente na década seguinte.

O Relatório discute também o TNI dos países receptores, que mede o significado relativo de IDE numa economia e foi estimado para 23 países desenvolvidos e 19 países da Europa Central e Oriental. O Índice é calculado como a média das quatro participações: ingressos de IDE como uma porcentagem da formação de capital fixo bruto; reservas internas de IDE como uma porcentagem de PIB; valor agregado das afiliadas estrangeiras como uma porcentagem de PIB; e nível de emprego das afiliadas estrangeiras como uma porcentagem do total de emprego. Entre as economias anfitriãs, Hong Kong, China, é a mais globalizada, enquanto a Nova Zelândia se classifica no topo dentre os países mais desenvolvidos. O Índice geralmente é maior nos países em desenvolvimento que nos desenvolvidos, sugerindo talvez diferenças na força das iniciativas locais nestes últimos. A Hungria é o país mais globalizado na Europa Central e Oriental.

As descobertas do Índice sugerem possíveis orientações políticas para países para prosseguir na busca por investimento estrangeiro. As indústrias concentradas em inovação, como as de tecnologia de informação e comunicações (ICT), tendem a ser cada vez mais globalizadas. A ICT permite que países em desenvolvimento recebam atividades de alta tecnologia. Quanto mais avançada tecnologicamente for uma indústria, tanto mais suas empresas poderão diferenciar entre “possíveis” e “impossíveis” na escolha de locais, resultando em um alto nível de concentração de IDE.

Índice Interno de IDE: novo neste ano

Conforme apresentado pela primeira vez em *WIR2001*, o Índice Interno de IDE captura a capacidade dos países de atrair IDE depois de levar em conta seu tamanho econômico e competitividade. Mais especificamente, o Índice é a média de três relações, mostrando a participação de cada país no IDE mundial relativo às suas participações no PIB, nível de emprego e exportações. Um valor de índice de “um” significaria, portanto, que a participação de um país no IDE mundial corresponde à sua posição econômica em termos desses três indicadores.

O Índice mostra grande variação na atração do país a TNCs. Cinco países estão “equilibrados” (significando um índice de um), com suas participações de ingressos de IDE correspondendo exatamente à média de suas participações de PIB mundial, nível de emprego e exportações: Costa Rica, El Salvador, Hungria, Malásia e Eslováquia. Em geral, países com economias fortes e abertas estão no topo da classificação no índice; no entanto, alguns países com economias fracas mas com fortes doações de recursos naturais estão também no topo, como Angola e Moçambique. Em alguns casos, fatores econômicos e políticos rebaixam a classificação do país aquém da expectativa, com base nos elementos da capacidade econômica incorporados no Índice. Outros, classificados no nível mais baixo (como Japão e República da Coreia), têm fortes posições econômicas globais mas, no passado, foram restritos para IDE internos.

Mudanças no Índice entre 1988-1990 e 1998-2000 estão em linha com mudanças no desempenho econômico e fatores políticos afetando o IDE. A Irlanda subiu do 46º para 3º porque ela planejou e atraiu IDE para atualizar sua estrutura tecnológica e de exportação, em combinação com melhorias nos seus recursos humanos. No processo ela transformou com sucesso uma economia “retrógrada, de baixa produtividade em um centro de atividades de fabricação e software concentradas em tecnologia”, diz o *WIR2001*. A posição da Suécia subiu, principalmente devido a mudanças na política, de 29º para o 4º lugar, no mesmo período.

O aumento no número de países membros da União Européia nos 20 mais durante a década passada reflete, em parte, a grande e crescente influência da integração regional nos fluxos de IDE. Também, no nível regional, o valor do índice para países desenvolvidos é cerca de duas vezes a média mundial, enquanto nos países em desenvolvimento e na Europa Central e Oriental o índice caiu abaixo dessa média. Tanto países desenvolvidos quanto os em desenvolvimento atraem IDE aproximadamente em proporção a suas participações no PIB mundial, mas os países desenvolvidos recebem participações muito maiores de IDE que suas participações em nível de emprego, enquanto os países em desenvolvimento e economias em transição recebem menos.

Esta nota à imprensa, bem como as informações sobre o lançamento do Relatório Mundial de Investimentos de 2001 (incluindo trechos do Relatório), podem, também, ser encontrados na Internet no seguinte endereço:
<http://www.unctad.org>

Para obter mais informações, entre em contato com Karl P. Sauvart, Diretor, Divisão de Investimento, Tecnologia e Desenvolvimento Empresarial, tel.: +41 22 907 5707, fax: +41 22 907 0498, e-mail: karl.sauvant@unctad.org; Erica Meltzer, Diretora de Imprensa, tel.: +41 22 907 5365/5828; ou Alessandra Vellucci, Diretora de Informações, tel.: +41 22 907 4641/5828, fax: +41 22 907 0043, e-mail: press@unctad.org

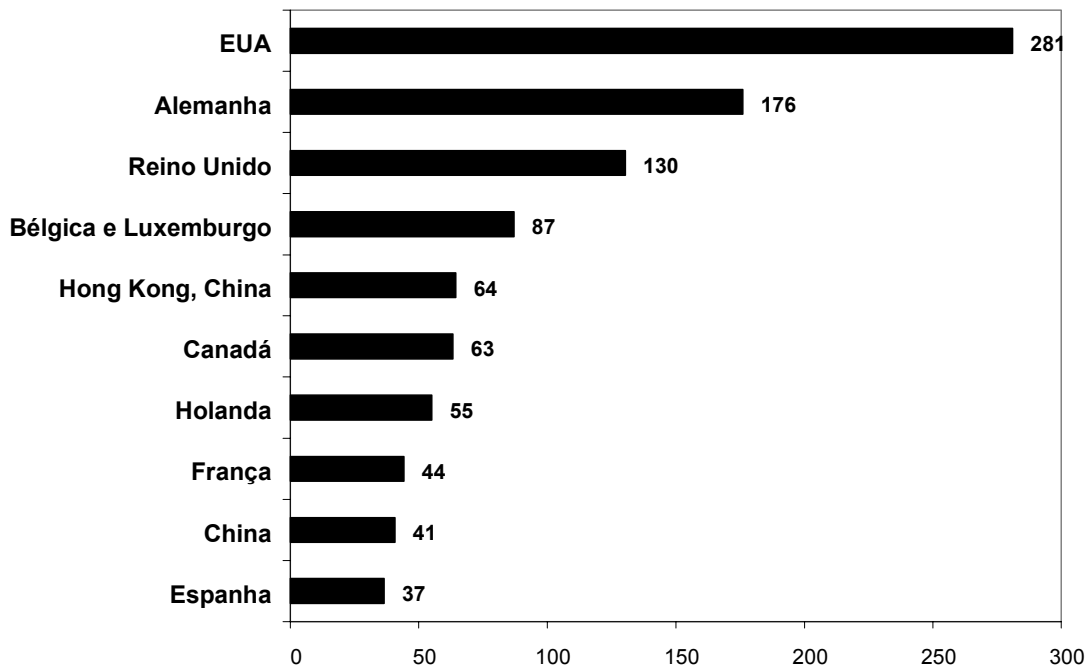
¹ "Investimento direto estrangeiro" é definido como um investimento que envolve controle de gestão de uma entidade residente em uma economia por uma empresa residente em outra economia. O IDE envolve uma relação de longo prazo refletindo um interesse de longa duração do investidor em uma entidade estrangeira.

² O **Relatório Mundial de Investimento 2001: Ligações de Promoção** (Vendas No. E.01.II.D.12, ISBN 92-1-112523-5) pode ser obtido ao preço de US\$ 49, e ao preço especial de US\$ 19 nos países em desenvolvimento e economias em transição, das Publicações das Nações Unidas, Seção de Vendas, Palais des Nations, CH-1211 Genebra 10, Suíça, fax: +41 22 917 0027, e-mail: unpubli@un.org, Internet: <http://www.un.org/publications>; ou das Publicações das Nações Unidas, Two UN Plaza, Room DC2-853, Dept. PRES, Nova York, N.Y. 10017, USA; tel.: +1 212 963 83 02 ou +1 800 253 96 46, fax: +1 212 963 34 89, e-mail: publications@un.org.

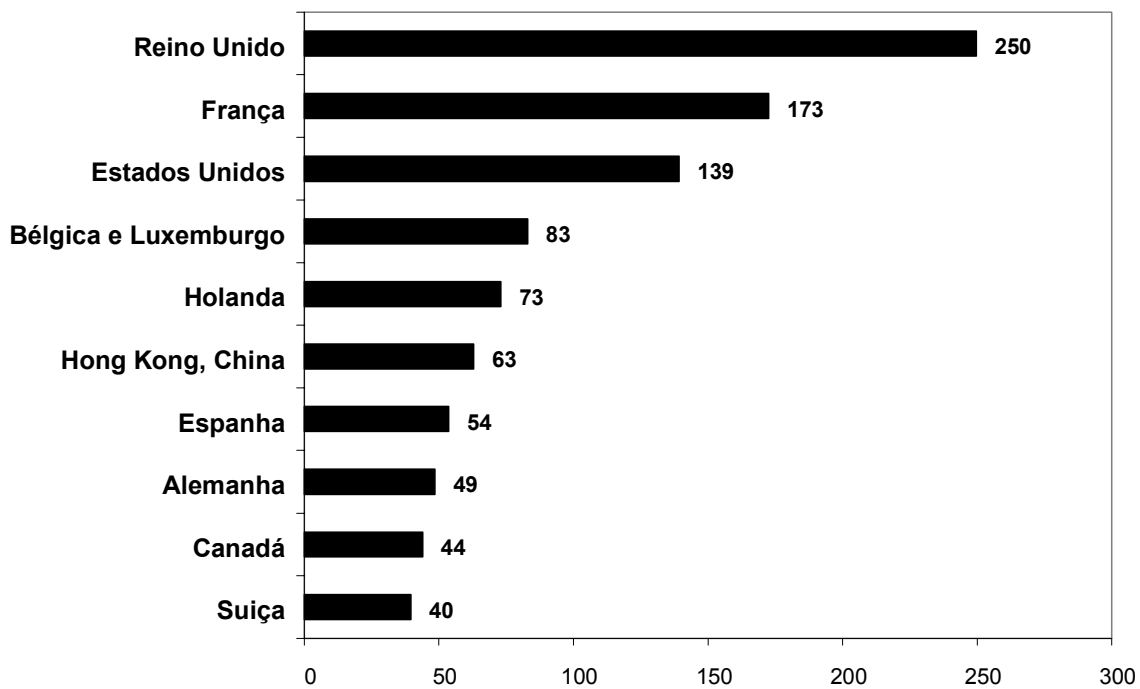
³ "Empresas internacionais" consistem em empresa matriz e suas afiliadas estrangeiras: uma empresa matriz é definida como aquela que controla os patrimônios da outra entidade ou entidades em um país ou países além do seu país de origem, geralmente controlando uma participação social. A participação no capital social de pelo menos 10% normalmente é considerada como um limite para o controle de patrimônios neste contexto.

⁴ Incluindo países da antiga Iugoslávia.

⁵ Incluindo Ásia Ocidental e Central.

Figura 1: Os 10 maiores receptores de IDE em 2000 (bilhões de dólares)

Fonte: UNCTAD, WIR 2001.

Figura 2: As 10 maiores fontes de recursos de IDE em 2000 (bilhões de dólares)

Fonte: UNCTAD, WIR 2001.

(

Tabela 1. Composição do país das 100 maiores TNCs do mundo por índice de internacionalização e patrimônios estrangeiros
1990, 1995 e 1999 - Porcentagem

País	TNI médio			Participação no total de patrimônios estrangeiros das 100 maiores			Número de inpressos		
	1990	1995	1999	1990	1995	1999	1990	1995	1999
União Européia	56,7	66,0	58,7	45,5	43,8	43,0	48	39	46
França	50,9	57,6	55,7	10,4	8,9	11,6	14	11	13
Alemanha	44,4	56,0	49,6	8,9	12,2	12,3	9	9	12
Reino Unido ^b	68,5	64,8	76,0	16,8	10,5	9,9	12	10	8
Holanda ^b	68,5	79,0	68,2	8,9	8,2	5,3	4	4	5
Itália	38,7	35,8	50,1	3,5	2,3	2,6	4	2	4
Suécia	71,7	80,6	71,8	2,7	1,7	1,3	5	3	3
Finlândia	-	-	72,5	-	-	0,5	-	-	1
Espanha	-	-	44,8	-	-	2,5	-	-	2
Bélgica	60,4	70,4	-	1	0,9	-	1	2	-
América do Norte	41,2	46,0	46,2	32,5	35,9	35,2	30	34	28
Estados Unidos	38,5	41,9	42,7	31,5	33,3	33,3	28	30	26
Canadá	79,2	76,5	92,0	1	2,7	1,9	2	4	2
Japão	35,5	31,9	38,4	12	15,1	15,4	12	17	18
Outros Países	73,0	66,9	70,4	10	9,0	7,5	10	10	9
Suíça	84,3	83,6	93,1	7,5	6,6	4,6	6	5	4
Austrália ^b	51,8	-	69,3	1,6	-	1,5	2	3	2
Hong Kong, China	-	-	38,5	-	-	0,3	-	-	1
México	-	-	54,6	-	-	0,8	-	-	1
Venezuela	-	44,4	29,8	-	0,4	0,4	-	1	1
Nova Zelândia	62,2	-	-	0,5	-	-	1	-	-
Noruega	58,1	-	-	0,4	-	-	1	-	-
República da Coreia	-	47,7	-	-	0,7	-	-	1	-
Total de todos TNCs da lista	51,1	51,5	52,6	100	100	100	100	100	100

Fonte: UNCTAD, World Investment Report 2001.

^a TNI é a abreviação de "índice de internacionalização", que é calculado como a média de três relações: patrimônios estrangeiros para total de patrimônios, vendas estrangeiras para total de vendas e nível de emprego estrangeiro para nível total de emprego

Tabela 2. Indicadores Seleccionados de IDE e Produção Internacional 1982-2000
(Bilhões de dólares e %)

Item	Valores em preços atuais Bilhões de dólares)				Taxa de cresc. anual (%)					
	1982	1990	2000		1986-1990	1991-1995	1996-1999	1998	1999	2000
Ingresso de IDE	57	202	1 271		23,0	20,8	40,8	44,9	55,2	18,2
Saída de IDE	37	235	1 150		26,2	16,3	37,0	52,8	41,3	14,3
Reservas de IDE interno	719	1 889	6 314		16,2	9,3	18,4	19,8	22,3	21,5
Reserva de IDE externo	568	1 717	5 976		20,5	10,8	16,4	20,9	19,5	19,4
Fusões e Aquisições transfronteiras	..	151	1 144		26,4 ^b	23,3	50,0	74,4	44,1	49,3
Vendas de afiliadas estrangeiras	2 465	5 467	15 680 ^c		15,6	10,5	10,4	18,2	17,2 ^c	18,0 ^c
Produto bruto de afiliadas estrangeiras	565	1 420	3 167 ^d		16,4	7,2	11,0	3,2	27,2 ^d	16,5 ^d
Total de patrimônio de afiliadas estrangeiras	1 888	5 744	21 102 ^e		18,2	13,9	15,9	23,4	14,8 ^e	19,8 ^e
Exportação das afiliadas estrangeiras	637	1 166	3 572 ^f		13,2	14,0	11,0	11,8	16,1 ^f	17,9 ^f
Nível de emprego das afiliadas estrangeiras (milhares)	17 454	23 721	45 587 ^g		5,7	5,3	7,8	16,8	5,3 ^g	12,7 ^g
<i>Memorando:</i>										
PIB a custo de fatores	10 612	21 475	31 895		11,7	6,3	0,7	-0,9	3,4	6,1
Formação bruto de capital fixo	2 236	4 501	6 466 ^h		12,2	6,6	0,6	-0,6	4,3	..
Recebimento de royalties e taxas de licenças	9	27	66 ^h		22,1	14,1	4,0	6,1	1,1	..
Exportação de mercadorias e serviços não indexados	2 124	4 381	7 036 ^h		15,4	8,6	1,9	-1,5	3,9	..

Fonte: UNCTAD, World Investment Report 2001.

^a Os dados estão disponíveis somente a partir de 1987.

^b Somente 1987-1990.

^c Baseado no seguinte resultado de regressão de vendas contra reservas internas de IDE para o período de 1982-1998: Vendas = 967 + 2.462*reservas internas de IDE.

^d Baseado no seguinte resultado de regressão de produto bruto contra reservas internas de IDE para o período 1982-1998: Produto bruto=412 + 0,461* Reservas internas de IDE.

^e Baseado no seguinte resultado de regressão de patrimônios contra reservas internas de IDE para o período de 1982-1998: Patrimônios=-376+3,594*Reservas internas de IDE.

^f Baseado no seguinte resultado de regressão de exportações contra reservas internas de IDE para o período de 1982-1998: Exportações=231+0,559*Reservas internas de IDE.

^g Baseado no seguinte resultado de regressão de nível de emprego contra reservas internas de IDE para o período de 1982-1998: Nível de emprego=13925+5,298*Reservas internas de IDE.

^h Os dados são para 1999.

Nota: A tabela não inclui o valor de vendas mundiais por afiliadas estrangeiras, associadas a sua empresa matriz através da relação não patrimonial e as vendas da empresa matriz em si. Vendas no nível mundial, produto bruto, total patrimonial, exportações e nível de emprego das afiliadas estrangeiras são estimados por extrapolação de dados mundiais das afiliadas estrangeiras de TNCs da França, Alemanha, Itália, Japão e os Estados Unidos (para vendas e nível de emprego) e os números para Japão e Estados Unidos (para exportações), números dos Estados Unidos (para produto bruto) e os números da Alemanha e Estados Unidos (para bens) na base das participações desses países na reserva mundial de IDE externo.